

DESCASO. Museu de História Natural, da Universidade Federal de Alagoas, enfrenta sérios problemas de infraestrutura e não é aberto ao público desde 2011. A esperança de mudança vem da transferência de sede para a Praça da Faculdade, onde funcionou o antigo Centro de Ciências Biológicas (CCBi), no bairro do Prado



➤ Mesmo com tantos problemas, museu possui rico acervo e é um dos maiores do Nordeste. B2



Domingo 13/07/2014



Dificuldades enfrentadas pelo museu contribuem para que o local permaneça no anonimato e seja desconhecido por grande parte da população

ANDRESSA ALVES*
ESTAGIÁRIA

“Uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade”. A definição é do Conselho Internacional de Museus, encarregado da elaboração de políticas que regem o funcionamento dos espaços museológicos por todo o mundo.

Contudo, a realidade encontrada no estado de Alagoas difere das determinações pré-estabelecidas na cartilha. Fundamental no ramo das pesquisas e detentor de coleções valiosas, o Museu de História Natural, da Universidade Federal de Alagoas (MHN/Ufal), encontra-se fechado para visitas desde 2011, impedindo o conhecimento e acesso da sociedade alagoana a um patrimônio público.

Com tradição e nome, o Museu de História Natural tem como atribuições a Pesquisa e Extensão. Desde a sua criação, em 1991, vem desenvolvendo estudos nos ecossistemas locais, valorizando o conhecimento das populações tradicionais sobre o uso dos recursos naturais do estado. Desses estudos resultam coleções sistemáticas científicas, testemunhas de nossa biodiversidade, das riquezas minerais e da ocupação humana no decorrer da história.

Instalado no prédio da antiga Faculdade de Odontologia, no bairro do Farol, o museu, que deveria funcionar como referência cultural, possui inúmeros problemas de infra-

estrutura. Paredes rachadas, falhas elétricas e a grave carência de equipamentos são alguns dos obstáculos enfrentados diariamente pela equipe de funcionários. A limitação de espaço físico para comportar com segurança as coleções dificulta o funcionamento do local, fazendo com que importantes amostras geológicas sejam armazenadas pelos corredores.

Ocupado também pela Usina Ciência e o Laboratório de DNA Forense, o espaço abriga unidades da pró-reitoria de Extensão da Ufal, mas que, pela situação em que se encontram, estão recebendo pouca atenção, o que acaba por limitar as atividades desenvolvidas nesse importante espaço de preservação da biodiversidade alagoana.

Entre pequenas reformas e consertos, os reparos e “arrumadinhos” não são substituídos pelas obras estruturais necessárias, eternizando uma situação que há anos vem sendo considerada precária. “Nós realmente temos muitos problemas. Além das questões de manutenção e infraestrutura existe a ausência de espaço. Contamos com muitos materiais e muitos setores, ainda que a atual sede fosse reformada teríamos problemas com a falta de salas e espaço para armazenamento das coleções”, afirma o biólogo e Diretor Administrativo do Museu Fábio Henrique Ferreira de Menezes.

O setor ainda foi vítima de um incêndio, no mês de março do ano passado, sendo reaberto apenas dois meses depois. O fogo quase destruiu os livros de tombo, que contém os registros da coleção científica armazenada no local. Sem eles, a coleção perde seu



Pesquisas

Com tradição e nome, o Museu de História Natural tem como atribuições a Pesquisa e Extensão. Desde a sua criação, em 1991, vem desenvolvendo estudos nos ecossistemas locais, valorizando o conhecimento das populações tradicionais sobre o uso dos recursos naturais do estado. Desses estudos resultam coleções sistemáticas científicas, testemunhas de nossa biodiversidade, das riquezas minerais e da ocupação humana no decorrer da história

valor. Na época, segundo o Corpo de Bombeiros Militar (CBM), o incêndio foi causado por um curto-circuito no condicionador de ar.

Apesar das evidentes dificuldades; Fábio Menezes se mantém motivado com as possíveis soluções. A esperança se deve a atual transferência de sede do museu, que passará a ocupar o espaço onde funcionava o antigo Centro de Ciências Biológicas da Ufal (CCBi), localizado na Praça da Faculdade, no bairro do Prado. Segundo Fábio, após várias negociações, reuniões e planejamentos com a Reitoria da Universidade o processo de mudança finalmente foi aprovado e representa, para o diretor, um novo olhar em relação a situação do MHN.

“Percebo na atual gestão da universidade um olhar de mais sensibilidade conosco. A Reitoria se mostrou aberta às negociações e soluções para o problema. Temos recebido um

apoio maior na atual gestão, debatendo constantemente, com a vice-reitora Rachel Almeida Barros, investimentos no Museu e em seus setores”, afirmou.

A partir da elaboração de um projeto, no ano de 2011, onde seria criado, no antigo CCBI, o Memorial da Ufal em comemoração aos 50 anos da instituição, Fábio Menezes sugeriu a construção de um espaço científico que seria ocupado pelo MHN, junto ao Memorial. Com a transferência de sede já realizada o projeto deve começar a ser elaborado.

Porém, as expectativas positivas e a mudança para outro espaço ainda não garantem a abertura do museu para visitas públicas. O prédio escolhido para ser ocupado, que já sediou a Faculdade de Medicina de Alagoas, encontra-se em situação semelhante ao que abriga o museu atualmente. Com deficiências estruturais e inúmeros problemas de estrutura a abertura para exposições não será possível por agora. A única vantagem existente na “troca” refere-se ao maior espaço físico que a nova sede possui. Ainda assim, a reforma do prédio seria indispensável.

Dentre as tantas possibilidades que a direção do MHN vinha buscando para sair dos corredores está a mudança do prédio para a antiga estação ferroviária, no bairro do Jaraquá, cogitada anteriormente. A burocracia do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e da Companhia Brasileira de Trens Urbanos (BBTU) inviabilizaram a alteração.

Impasses como esses revelam a necessidade da construção de um novo prédio para o museu, pro-

jetado especificamente para servir às suas funções e atribuições. Planos que acabam por esbarrar na falta de verba e de recursos financeiros não disponíveis.

“Nossa maior necessidade seria a construção de um prédio novo, porém sabemos que não é tão simples. Vemos dificuldades em todos os departamentos da Ufal. Vários outros setores e extensões dividem os mesmos problemas. Mas estamos buscando a solução, algo que atenda as características do trabalho que realizamos”, ponderou o diretor.

As dificuldades enfrentadas pelo museu contribuem para que o local permaneça no anonimato e seja desconhecido por grande parte da população. Segundo Fábio, o inverso também acontece. “Acredito que a falta de valorização da cultura por parte da sociedade também interfere nessa ausência de investimentos. Como conseguir a valorização dos superiores se as pessoas não cobram que os museus estejam em atividade? Talvez se existisse a pressão pelo funcionamento conseguiríamos mais resultados, se as pessoas se mobilizassem pela causa isso ganharia mais voz”.

Para garantir tal reconhecimento, o incentivo de instituições privadas e o apoio de grupos voluntários se mostram essenciais para a realização de ações educativas e culturais por parte do museu.

A intenção é que no próximo ano a população possa voltar a prestigiar, através de exposições e acervos, a riqueza biológica que atualmente se esconde atrás das paredes rachadas. ☐

* Sob a supervisão da Editora de Cultura. Leia mais na página B2